

# Ajuste virá de qualquer jeito, diz Franco

Carla Modena\*  
de São Paulo

O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, disse na sexta-feira que o ajuste fiscal será feito de qualquer maneira. "O ajuste será feito de um jeito ou de outro. Agora, é fazer ou fazer", afirmou, durante o seminário "Crise Mundial x Brasil — O que o País tem que fazer para diminuir sua vulnerabilidade".

Questionado sobre a razão pela qual o ajuste daria certo neste momento, sendo que no ano passado foi lançado um pacote de 51 medidas que não funcionou efetivamente, Franco disse que, desta vez, será di-

ferente. Segundo ele, não faz sentido lançar um pacote muito grande, "que perde a noção do todo".

Franco criticou alguns segmentos da sociedade que culpam o governo por "não ter feito a sua parte". "Quando se diz que o governo não fez sua parte, significa que alguma parcela da sociedade resistiu a que seu quinhão fosse afetado."

Perguntado sobre como ficará a situação das contas públicas no ano que vem, uma vez que o fluxo de capitais vem diminuindo, Franco disse que, nos países emergentes, faz sentido ter déficit em conta corrente e importar financiamento. "Todas as

economias emergentes dependem do capital estrangeiro."

Ele disse, também, que o total de investimentos estrangeiros diretos no Brasil este ano ficará entre US\$ 23 bilhões e US\$ 24 bilhões, em comparação aos US\$ 17 bilhões do ano passado e da média de US\$ 1,5 bilhão por ano no final da década de 80. De acordo com o presidente do BC, esse tipo de investimento pode financiar de 65% a 70% do déficit em conta corrente.

Franco defendeu as privatizações — que reduzem os gastos públicos e elevam os investimentos privados — e o aumento da produtividade co-

mo os meios capazes de proporcionar o crescimento da economia, ao mesmo tempo em que o País realiza o ajuste fiscal. Também descartou qualquer mudança no regime cambial. "Não aceito", refutou, referindo-se também à possibilidade de adoção de uma banda cambial mais larga. Segundo ele, o problema é definir qual a volatilidade "aceitável" no regime cambial. "Não creio que uma volatilidade como a que ocorre hoje nas bolsas nos sirva", disse, acrescentando que, hoje, a autoridade monetária seria incapaz de prevenir uma oscilação forte na moeda.

(\* do *InvestNews*)